

## ARÃO STEIN, UMA VOZ ENTRE O MARTÍRIO OU SUICÍDIO?

Adelgício José da Silva (Universidade de São Paulo)

Érico Veríssimo notabilizou-se como um dos grandes ficcionistas brasileiros, e um dos herdeiros da revolução ideológica e estética trazida pelo modernismo de 1922. Segundo Flávio Loureiro Chaves o que se passou a chamar de “romance de 30” teve como característica, em maior ou menor grau, a observação da sociedade, que procura uma análise do espaço social brasileiro, através da construção de tipos característicos, da adoção do falar regional, e de ambientação característica do universo rural ou urbano.

Ainda segundo esse autor, Veríssimo precede todos os romancistas de 30 que fizeram romance urbano e social. A reflexão profunda sobre a trama social e política do processo histórico nacional, presente na obra de Veríssimo, revela ao leitor um conjunto de personagens riquíssimos do ponto de vista de quem deseja compreender a os elementos que compõe a sena social brasileira. Não é por acaso que a obra deste autor é colocada em paralelo aos autores que analisaram a formação social no Brasil, como Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda (Pesavento, 2001, p.90). É em função disso que encontramos na obra de Veríssimo, uma forte presença de migrantes e imigrantes; como nordestinos, alemães, italianos, americanos, judeus etc.

Tendo isso em mente, nesse trabalho, pretende-se abordar a figura do imigrante, precisamente o imigrante judeu: Arão Stein, na obra de Érico Veríssimo *O Tempo e o Vento*, sob um triplo aspecto: de um lado, verificar a imagem da personagem do ponto de vista de sua hetero-imagem (SOUSA, 2004, p. 29), ou seja, como Stein era visto pela comunidade judaica e pelos não judeus; e por outro lado a auto-imagem; como Stein se via<sup>1</sup>. E, por fim, tentaremos pensar sobre como Veríssimo, enquanto autor permite que essa personagem estampe seu olhar sobre questões como o suicídio, o matricídio e a própria imagem da comunidade judaica, presente no romance.

O que se busca com essa abordagem é traçar as linhas que definem o conceito de identidade judaica na obra por meio da análise desta personagem.

Façamos agora um resumo contextualizando Stein na obra.

Arão Stein aparece no capítulo *O deputado*, em *O arquipélago I*. Nesse último volume, temos a continuação e finalização da história da família Terra Cambará na pessoa do Dr. Rodrigo. É aqui que o escritor põe fim à análise que vem fazendo de um povo e seu mergulho na era moderna.

A família de Stein imigra para Santa Fé e vive do comércio de ferro velho. Lá seus membros conhecem Dr. Rodrigo Cambará, que se torna amigo da família e chega a oferecer uma bolsa de estudos em medicina para Stein, que, por orgulho, não aceita.

Com a morte do pai, quem acaba cuidando do ferro velho é a mãe, Sara, enquanto Stein persegue seu ideal comunista publicando panfletos na clandestinidade.

Seu fervor político o leva para a guerra da Espanha, o que acarreta a morte da mãe,

---

<sup>1</sup> (CHAVES, Flavio Loureiro, 1976)

<sup>2</sup> (SOUSA, 2004: p.105) a auto-imagem refere-se à imagem que um faz de si mesmo, e a hetero-imagem designa a imagem que esse um faz dos outros e a imagem que esses outros fazem de um.

por desgosto. Mais tarde ele mesmo, após se sentir injustiçado pelos próprios companheiros de partido, acaba cometendo suicídio.

A questão de ser judeu ou não será colocada na figura de Stein, curiosamente, através de duas tragédias: a morte da mãe, de certa forma provocada por ele (matricídio), e a morte dele próprio, por suicídio.

A idéia do matricídio é uma idéia importante dentro da construção imagética judaica na obra. O fato de Veríssimo permitir ao leitor que assista ao conflito presente na alma de Stein – que oscila entre o dever religioso de sustentar a mãe e o dever ideológico de seguir seus princípios políticos - expõe uma figuração comum dentro da cultura humanista. O que se discute é o valor da ação pelo bem do particular em detrimento da ação pelo bem do coletivo.

Observemos o diálogo entre dois jovens judeus que ocorre durante o enterro de Sara Stein:

*(...), o corpo de Sara Stein foi enterrado no cemitério dos judeus (...) A atenção de Rodrigo foi despertada pela conversa de dois jovens judeus (...) Falavam em voz baixa mas audível. Dizia este último: - Não concordo. Ele tinha que ir. Era um dever.  
- O dever dele era cuidar da mãe.  
- Não. Um homem não pertence apenas à sua família, mas a toda humanidade. Ou então não é um homem verdadeiro.  
- Quem é um mau filho não pode ser bom cidadão. O Stein deixou a mãe sozinha, passando necessidades. “A velha morreu de desgosto.” (...) A causa da Republica espanhola - continuou – é a causa da liberdade e da dignidade humana. É a nossa causa, Moisés. Quando os aviões bombardearam Guernica eu chorei. Chorei de pena das crianças, das mulheres, e dos velhos indefesos que os bandidos nazistas mataram. Mas também chorei de raiva destes carniceiros, e de vergonha por estar aqui de braços cruzados (...)  
(VERÍSSIMO, 1997, p.757)*

O que nos chama atenção é o fato de que o leitor toma conhecimento da cultura judaica por meio de Rodrigo Cambará. Não é o narrador puramente distante que nos informa, mas o narrador vincula-se ao olhar e ouvido de um não judeu: Dr. Rodrigo Cambará, amigo de Stein.

Em termos puramente narrativos, isso se deve à intimidade e amizade que Rodrigo e outros personagens possuem com Stein. Mas o fato de termos o herói da história focando um povo, que para ele possui costume tão diferente e uma linguagem tão própria, revela a intenção do escritor de colocar em relevo a cultura estrangeira à medida que ela ganha notoriedade no período histórico descrito, pelos olhos dos que se consideram “brasileiros”.

Se fizermos uma comparação deste trecho com trechos literários de natureza xenófoba e de cunho fascista (Tucci, 1988, p.353), conclui-se que em Veríssimo tem-se a inversão salutar no olhar para o outro, pois nesse aspecto da obra o outro existe não como uma ameaça, mas como amigo, ainda que sua complexidade cultural não seja plenamente compreendida.

Ao refletir sobre a legitimidade da ação de Stein, os jovens judeus questionam também o sentido da própria comunidade judaica e o papel de si mesmos dentro dela, uma vez que a resposta a esse dilema diria muito sobre o que é ser judeu. O debate travado por

eles alude à estrutura talmúdica. O Tamuld, um dos pilares da tradição judaica, permite, pelo seu caráter discursivo, a coexistência de vários pontos de vista, como nos lembra Amâncio (2003, p.19). O debate nas academias rabínicas era “apimentado”<sup>3</sup> pelo prevalecer de dois pontos de vista, sem que um preponderasse dogmaticamente sobre o outro.

De um lado, um dos jovens condena Stein, por abandonar a mãe. Esse ponto de vista encontra eco na tradição e na própria religião, visto que honrar pai e mãe é um dos mandamentos da Lei Mosaica e está sedimentado não apenas na Tora, mas também no Talmud, como uma das maiores *Mitsvot*<sup>4</sup> que um judeu possa praticar. Por outro lado, Gildo Rosenfeld, o outro jovem judeu, defende a ação de Stein como um ato de heroísmo. Propõe que a causa da humanidade é a causa judaica. Afinal, o idealismo presente no pensamento comunista, a igualdade, a luta contra o opressor, por justiça enfim, são conceitos que também fazem parte, de um certo modo, do ideário da cultura judaica.

No que diz respeito ao pensamento dessa comunidade em relação ao ato de Stein, pode-se concluir que Veríssimo faz questão de deixar o debate em aberto. Como se o fato do próprio “debater” fosse um elemento definidor desse grupo. Ou seja, como se ele assinalasse que o tema “o que é ser judeu” é algo que está em formação, em processo. E não há uma única resposta.

Podemos ver Stein não apenas pelo ângulo da comunidade judaica, mas focalizá-lo como uma personagem que está integrada ao processo histórico corrente na obra. Nesse sentido, ele está longe de ser desenhado como uma personagem rasa e ganha centralidade no todo reflexivo do romance.

Analisemos e comparemos a ação de Stein em relação a outros personagens, como Rodrigo Cambará, Eduardo e Floriano.

Rodrigo Cambará foi um getulista<sup>5</sup>. Eduardo, filho de Rodrigo, era um comunista como Stein, panfletário, militante a ponto de entrar em conflito muitas vezes com o próprio pai, porém não deixou de usufruir dos bens de sua família. Floriano é o intelectual que, apesar de sua capacidade reflexiva e aguçada percepção da realidade, vive, em muitos momentos do romance, uma crise provocada pela covardia e inércia que lhe impossibilitam

---

<sup>3</sup> “(...) as academias se tornaram pimenteiras de idéias - *Pilpul* - termo usado para designar as discussões, com a mesma raiz de pimenta (...) A esse estudo que chamamos *Guemarah*, que significa tanto estudo como complemento. Aí estão debates dos mestres e discípulos através dos séculos e que se cruzam num vasto jogo de perguntas, respostas, suposições, parábolas e novas perguntas deixadas no ar.” (AMÂNCIO, 2003: 20).

<sup>4</sup> Mitsvot: termo hebraico que designa preceito, boa ação, lei, obrigação religiosa, ação de caridade, é dever de para preceito positivo( os sábios judaicos contaram 248 mandamentos positivos ) preceitos proibitivos , proibições os sábios judeus contaram 365) (BEREZZIN, 1995, p.3930 )

<sup>5</sup> Entusiasta do governo de Getúlio Vargas. Getúlio Dornelles Vargas (19/4/1882 - 24/8/1954) foi o presidente que mais tempo governou o Brasil, durante dois mandatos. De origem gaúcha (nasceu na cidade de, Vargas foi presidente do Brasil entre os anos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Entre 1937 e 1945 instalou a fase de ditadura, o chamado Estado Novo. (BORIS,1998, p.332)

a ação.

Apesar da centralidade e importância de todas essas personagens, não encontramos em nenhuma delas uma postura de tamanha coerência com seus princípios políticos e ideológicos como em Stein.

Então, por que Érico Veríssimo dá a esse personagem judeu o lugar de um mártir da causa humanista? A resposta para essa pergunta parece estar no fato de que Stein ocupa em *O arquipélago*, um lugar alegórico, metonímico, ou seja, Stein é uma voz, uma mensagem que corre no desenrolar dos fatos no romance.

O fervor político de Stein poderia nos levar a pensar que ele é uma voz que fala em prol apenas do comunismo. Mas o desfecho de sua história, mostrando seu desapontar com os colegas de partido, revela que não.

A idéia de Stein desempenhar o papel de uma voz na trama do romance, alude ao personagem homônimo de Stein, Arão irmão de Moisés que encontramos na narrativa bíblica. Como se sabe, Arão foi um portador da voz divina. Deus falava com Moisés e a mensagem era anunciada através de Arão ao Faraó. E qual era essa voz? Era uma voz de libertação. E a voz que Arão Stein vem propagar no romance em questão é da mesma ordem, uma voz de liberdade. Stein não é uma voz que milita apenas em favor de uma ideologia, na verdade, sua presença na trama, o lança como uma voz contra a intolerância.

Stein não está ligado somente a uma ideologia e sim a uma ação. Uma ação que representa uma resistência às ditaduras, o que acaba nos mostrando a opinião do autor sobre os fatos históricos que ele descreve em seu romance, como nos diz Andrade sobre Veríssimo:

*“Sempre achei que o menos que um escritor pode fazer, numa época de violência e injustiça como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão”.*

(ANDRADE, 1972, p.19)

A opinião de Veríssimo sobre o bem comum, sobre a liberdade como valor humanista pelo qual vale a pena lutar, percebemos no discurso e prática de Stein, que em sua coerência ideológica chega a uma ação radical.

Já vimos que a comunidade judaica descrita por Veríssimo surge com duas visões sobre a pessoa de Stein, mas como será que o próprio Stein se definia? Será que esse pensamento humanista tão comum na fala do próprio escritor marca uma única linha decorativa da personagem?

O que se pode dizer sobre isso é que a identidade de Stein enquanto judeu passa pelo processo descrito por Sorj (2005, p.281), que diz que a modernidade separou os judeus do Judaísmo: “pois enquanto na versão tradicional cada judeu procurava realizar uma imagem compartilhada, na sociedade moderna cada indivíduo realiza sua versão do que seja para ele o Judaísmo”.

Por certo Stein concorda com a opinião e a idéia de Gildo Rosenfeld, o outro jovem judeu, que afirmava que a causa da humanidade é a causa Judaica. E nesse sentido, ao se pôr no lugar do outro, a ponto de ir para guerra da Espanha, Stein estava, para si mesmo, um judeu completo.

Isto posto, resta-nos explicar a imagem do suicídio.

O fato de morrer enforcado numa figueira alude imediatamente à desconcertante figura de Judas Iscariotes, o símbolo da traição para os cristãos. Fica difícil não relacionar

esse episódio do romance de Érico Veríssimo a outras tantas obras anti-semitas, que foram comuns na Era Vargas <sup>6</sup>.

Diante disso, não poderíamos afirmar que esse romance não venderia a mesma idéia preconceituosa presente na obra de Gustavo Barroso, Plínio Salgado e tantos outros pertencentes ao movimento integralista?

Será que o fato de colocar o judeu como um comunista não endossa mais ainda a visão de que o judeu é um dos criadores e fermentadores do “diabólico comunismo”?, como nos diz Tucci (1988, p. 370).

Não ignoramos o fato de que colar a imagem de Stein à de Judas Iscariotes traz em si questões complexas que se vinculam à variável popular, estereotipada e preconceituosa, que via o judeu como um traidor, aquele que matou o filho de Deus, e que tal visão preconceituosa é parte do pacote anti-semita religioso, propagado pela igreja, tão presente na cultura brasileira.

Mas ainda que admitindo que a morte de Stein de fato evoque todo esse conjunto de imagens preconceituosas sobre o judeu, não entendemos que essa seja a visão que prevalece no desenho do imigrante judeu nessa obra.

O romance de Érico Veríssimo procura trabalhar suas personagens por meio do dialogismo <sup>7</sup>. Da pluralidade de vozes que fizeram parte do momento histórico da época. Portanto, o romance não pretende mostrar uma “mentalidade” semita ou anti-semita, nacionalista ou universalista, ou dicotomizar entre tradição e modernidade, comunismo e democracia. O que ele faz é apresentar (à moda do romance de Dostoiévski) as vozes que compunham o quadro histórico representado. E é claro que ele não seria verossímil se não colocasse na mesa o discurso anti-semita. Mas ele faz muito mais do que simplesmente expor o discurso: reflete sobre ele.

Não entendemos, portanto, a associação do suicídio de Stein à figura de Judas como defesa do anti-semitismo, mas como uma citação desse discurso, que nos faz enxergar o preconceito popular. Onde comumente se vê o judeu como traidor à semelhança de Judas, advoga-se a causa do heroísmo de Stein, pois ele não morre de fato por ter traído, mas por ter sido traído. É sua decepção com o partido e a falta de coerência ideológica do partido que o faz negar a vida. O fato de saber que a mãe morrera e ele não estava presente,

---

<sup>6</sup> Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, após comandar a Revolução de 1930, que derrubou o governo de Washington Luís. Seus quinze anos de governo seguintes caracterizaram-se pelo nacionalismo e populismo. Sob seu governo foi promulgada a Constituição de 1934. Fez o Congresso Nacional em 1937, instala o Estado Novo e passa a governar com poderes ditatoriais. Sua forma de governo passa a ser centralizadora e controladora. Criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para controlar e censurar manifestações contrárias ao seu governo. Perseguiu opositores políticos, principalmente partidários do comunismo. Enviou Olga Benário, esposa do líder comunista Luís Carlos Prestes, para o governo nazista. (BORIS, 1998, p.332-340)

<sup>7</sup> Dialogismo é o termo usado por Mikhail Bakhtin para definir a polissemia que cada personagem e o próprio texto do autor russo Dostoiévski apresentava: “corre que a combinação do caráter aventureiro com a aguda problematidade, o caráter dialógico, a confissão, a vida e pregação não eram, em hipótese alguma, algo absolutamente novo e inédito. Novo era apenas o emprego polifônico e a assimilação dessa combinação dos gêneros em Dostoiévski”. (BAKHTIN, 1997, p.105)

somado à sua descrença no partido, leva-o a assumir tal postura.

Como já dissemos, a figura de Stein nos chega pelos olhos de seus amigos gentios: Silvia, Floriano, Tio Bicho e Rodrigo. Dessa forma, dificilmente o leitor tem uma imagem antipática de Stein. Pelo contrário, o carinho e amizade desses personagens são quase sempre os pincéis que o desenham.

Vejamos alguns trechos, iniciando com duas falas de Silvia:

*“Ainda Stein. Essa criatura de Deus me preocupa. Deve estar sofrendo uma crise de consciência, algo de muito sério, que ele não revela nem a esta sua confidente. Quando Trotsky foi assassinado, ficou num desconsolo, que durou duas semanas”.* (VERÍSSIMO, 1997, 892)

(...)

*“Numa ocasião em que o Stein falava da fatalidade da socialização do mundo, declarado que achava legítimo todos os sacrifícios de hoje para garantir a felicidade da humanidade de amanhã, eu lhe sussurrei: “Posso te dizer uma coisa”? Amas tanto a humanidade que não te sobra muito amor para os indivíduos?” E ele me lançou um olhar perdido... “Desandou a falar da mãe por tê-la deixado só e desesperada em Santa Fé, quando fora a Espanha”.* (VERÍSSIMO, 1997, 894)

Entra depois Tio Bicho:

*(...) Stein afirma que a combatividade, a eficiência e o heroísmo dos soldados soviéticos são a prova mais eloquente das verdades comunistas. Tio Bicho responde: “Nessa mesma linha de raciocínio, podemos dizer que o Nazismo é o melhor regime... Pois os exércitos do Führer em poucos meses conquistaram a Europa.” Stein não reage. Noto que anda preocupado, inquieto. Contou-me que foi repreendido pelo Comitê Central do Partido por causa dum artigo polêmico que publicou em torno de problemas específicos do comunismo no Brasil. O que mais lhe doeu foi um dos jornais do PCB ter-se referido a ele como “membro disfarçado da canalha trotskista.” Stein passa o resto do serão num canto, silencioso e abatido.* (VERÍSSIMO, 1997)

Observe-se como o narrador expõe o suicídio:

*“(...)Na madrugada de 18 dezembro de 1945, Arão Stein enforcou-se num dos galhos da figueira da matriz.”* (VERÍSSIMO, 1997, p. 933)

*“(...) Pobre Raskolnikov! – exclamou Bandeira, aproximando-se do esquife. – acabou assassinando a dona da casa de penhores! Racionalmente ele justificava o crime, mas emocionalmente repudiava-o. Seu sentimento de culpa levou-o a autopunição!*

*- Mas acha que sua expulsão do partido não teve nada a ver com isso? – teve, é claro, e como! Stein cometeu matricídio para ajudar seu irmão Marx. Por fim esses irmãos ingratamente o declaram renegado, o expulsam da família, acusando-o de traidor. Nosso Raskolnikov gritava que estava com a razão nas*

*suas divergências com o Partido, mas na noite em que o expulsaram, um dos camaradas o chamou de traidor, de Judas, e esse cretino tomou a coisa tão ao pé da letra, que acabou parodiando Iscariotes. Claro que tinha que ser uma figueira! Tens ainda alguma dúvida quanto à força diabólica dos símbolos e dos mitos? (VERÍSSIMO, 1997,p.936)”.*

Nessa seqüência de trechos, vemos a construção de uma figura que aos olhos dos amigos não é um traidor. Ainda que o partido o tenha considerado, os amigos o vêem mais como um herói. E aqui Veríssimo, pela boca de Bandeira, aproxima Stein de um dos mais emblemáticos heróis da história da literatura (ou melhor, anti-herói), que é Raskolnikov.

A mesma imagem que identifica o judeu como traidor se refaz. Trata-se de uma imagem antitética, não é um traidor que vai a forca, mas o não ouvido, o que tem o discurso censurado.

O ato de suicídio tem, portanto uma faceta política, beira ao martírio. Por mais sem sentido que soe esta afirmação, por mais que a tradição considere suicídio um pecado imperdoável, a voz deste ato é um inegável grito, que em sua eloquência só é intolerante por não suportar a intolerância.

Antes de uma conclusão, cabe abordar ainda o paralelo entre Stein e Raskolnikov feito por Tio Bicho. A dialética entre paixão e razão presente na descrição psicológica da personagem dostoiévskiana é transferido para Stein. Vejamos os pontos de contato entre tal afirmação: Raskolnikov cometeu assassinato de uma velha. Para justificar seu crime, ele se vale de argumentos racionais, que o isenta da possibilidade de ser comparado a um criminoso comum, que mata pela paixão. Ele, Raskolnikov, vê-se como uma pessoa capaz de uma atitude épica, (LUKÁCS, 2000, p.67), matar a velha seria salvar o povo, era praticar um ato para o bem comum. Diante do feito, Raskolnikov, vê seus argumentos naufragarem no profundo mar da culpa, sucumbindo aos terríveis ventos da tormenta da paixão. Seu sofrimento esquizofrênico o leva a confessar o crime e render-se diante da pressão interior de um fato inegável, ele era um assassino, por melhor que fosse sua retórica.

Transferindo a situação de Raskolnikov diretamente para Stein; flagramos nossa personagem, também diante de uma guerra entre razão versus paixão. A dialética é colocada: de um lado a censura por ter abandonado a Mãe, a tradição, a religião, por outro lado a convicção ideológica e racional do marxismo.

O que se encontra no cerne destas estruturas, família, religião, tradição é uma base emotiva capaz de governar o indivíduo. Talvez seja seu apelo, seu poder sobre as massas, que tenha levado Karl Marx a dizer:

*“A emancipação política do Judeu, do cristão e do homem religioso em geral é a emancipação do Estado do judaísmo, do cristianismo, e em geral da religião.” (MARX,1977, p.22)*

Contudo, para Tio Bicho, é na dialética materialista que Stein vai encontrar argumentos para abandonar a mãe e ir lutar na guerra Espanhola. O marxismo é um meio de justificar a morte da mãe, da tradição, da religião, do mesmo modo que a morte da velha para Raskolnikov foi justificada por seu alto padrão racionalista

Ao dizer que Stein cometeu matricídio, Tio Bicho parece concordar com a idéia do rapaz judeu que dialogou com Gildo Rosenfeld durante o enterro de Sara Stein. Porém, a

própria fala de Tio Bicho absolve Stein da culpa desse crime. O motivo que o levou a tal ato é o amor ao irmão Marx.

A frase de Tio Bicho “Stein cometeu matricídio para ajudar seu irmão Marx”, propõe uma diferenciação entre a personagem de Dostoiévski e a de Veríssimo. Stein se assemelha a Raskolnikov enquanto ainda é um crente na fé marxista e nela se apóia para tomar suas decisões. No entanto, quando condenado pelo partido por traição, isto o absolve.

Para Bandeira, é a estrutura racionalista em que se fundamenta a milícia do partido para agir, a verdadeira responsável pelo crime: “*Mas acha que sua expulsão do partido não teve nada a ver com isso*”?

O paralelo entre Stein e Raskolnikov se dá agora, não mais pelo ato que ambos praticam e os levam à culpa, mas se dá no desfecho final da história dessas duas personagens que acabam por ser, em alguma instância da peripécia narrativa, redimidas.



## Considerações finais

Concluimos que Stein desempenha o papel de mensageiro de uma voz na trama do romance. Ele é parte de um mover da história, sinal de que algo está para ocorrer na vida cotidiana das outras personagens. Stein é o representante da morte de um tempo, o tempo dos que desejam a utopia. Sua morte no romance marca a era da desesperança, a era da descrença na possibilidade utópica.

Stein morre e é enterrado pobre, de sapatos furados.

Ficam Floriano, poeta, escritor; tio Bicho, desacreditado do mundo; Eduardo e seus conflitos, tentando enganar a si mesmo, dizendo ser comunista e, no entanto, vivendo sua vida de rapaz rico. Ficam os genros de Rodrigo e seus filhos, interessados em usufruir dos bens deixados por Rodrigo Cambará.

Com Stein morre o jovem idealista que luta que acredita que pensa no coletivo, e não apenas no “eu”, que na verdade será a marca dessa nova era que está por vir; os que ficam estão preocupados tão somente com seu próprio bem estar. A imagem judaica é, portanto, visitada na obra de Veríssimo, na figura de Stein, para desempenhar uma função positiva no enredo.

Considerando que o papel da literatura é ser intérprete e produtora de opiniões comprometidas com grupos dominantes ou dominados, com maiorias ou minorias sociais, étnicas, culturais, como nos diz Chiappini (2000, p.23), esperamos ter demonstrando que a imagem da personagem judaica ganha na obra *O tempo e o vento*, de Veríssimo, um caráter complexo, cheia de conflitos, próximo de seres empíricos, e distante de uma personagem caricata, rasa, portadora de preconceitos que impossibilitam uma aproximação justa com a cultura representada por essa personagem.

## **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Jorge. O galho da nespereira. In O contador de Histórias. Porto Alegre, Ed. Globo, 1972. (p. 9)

AMÂNCIO, Moacir. O Talmud, tradução e notas. Coleção Menorah. São Paulo, Iluminuras, 2003. (pp. 19-20)

ARENDT, Hannah. O anti-semitismo: instrumento de poder. In Origens do totalitarismo. Rio de Janeiro, Ed. Comentário, 1975. (p. 13)

BAKHTIN, Mikail. Problemas da Poética de Dostoiévski. 3ª. Ed. São Paulo, Editora Forense Universitária, 1997. (p. 105).

BEREZZIN, Jafffa Rifka. Dicionário Hebraico-Português, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 393.

BORDINI, Maria da Glória. Criação literária em Érico Veríssimo. Porto Alegre, Editora L&PM, 1995.

BORIS, Fausto. História do Brasil. São Paulo: Editora da USP. Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1988.

CHAVES, Flavio Loureiro. Érico Veríssimo: realismo e sociedade, Porto Alegre , Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul , 1976.

CHIAPPINI, Ligia. Literatura e história. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. In Literatura e Sociedade. n. 5. São Paulo, FFLCH da USP, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e Castigo. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

FERREIRA, Filho Arthur de. História Geral do Rio Grande do Sul Ed. Globo, 1978.

LUKÁCS, George. A teoria do Romance. São Paulo, Duas Cidades. 2000.

MARX, Karl. A questão judaica. Editora Moraes.

PESAVENTO, Sandra et al. Érico Veríssimo: o romance da história/ Sandra Jatthy Pesavento, Jacques Leenhardt, Ligia Chiapinni M. Leite, Flávio Aguiar: exo e entrevistas

inéditos de Antonio Candido de Mello e Souza . São Paulo, Nova Alexandria, 2001.

RATTNER, Henrique. Tradução e mudança. São Paulo, Ática, 1997. (pp. 96-97)

SCLIAR, Moacir e SOUZA, Marcio. Entre Moises e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo, Nanquim, 2001.

SOUSA, Celeste H. Ribeiro de. Do cá e do lá: introdução à imagologia. São Paulo, Associação Editorial Humanistas, 2004.

SHULER, Donald, O tempo em *o continente*. In O contador de histórias. Porto Alegre, Globo, 1972. (p. 164)

TESCHA, Carlos. Historia do rio grande do sul, Porto Alegre: Selbach, 1972.

THOMAS, Hugh - A Guerra Civil Espanhola, Rio de Janeiro, Civilização Bras. 1964, 2 vols.

TUCCI, Maria Luiza Carneiro. O anti-semitismo na era Vargas. São Paulo, Perspectiva, 2001.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento. O continente I e II. 27ª ed. São Paulo, Globo, 1978.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento. O retrato I e II. São Paulo, Globo, 1978.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento. O arquipélago I , II, III. 9ª ed. São Paulo, Globo, 1987.

.